

Razões de Ir e Vir

Walter Longo

De Bucarest a São Paulo são mais de dezesseis horas de vôo. Apesar do conforto interno da aeronave, separando classes e garantindo privilégios, os pensamentos acabam se avolumando na cabeça e incomodando mais que o enclausuramento no ar.

Nada como viajar sozinho para pensar e colocar as idéias no lugar, rever conceitos e desnudar preconceitos. Retornar para casa, após uma semana num lugar como a Romênia, é muito bom. Não que lá não seja um lugar agradável. É, e muito. Bucarest é uma cidade acolhedora e romântica, tranqüila e segura. Estar lá é como voltar ao passado, visitar a Europa da década de 50, com sua cultura transbordando pela rua e um povo situado entre o alegre e o nostálgico.

Afinal, viajar à Europa, não interessa se Paris, Roma ou Budapest, é tropeçar em arte, arquitetura, monumentos, palácios e museus num sem fim de demonstrações eloqüentes de civilização e cultura.

Visitar o velho mundo nos revigora como seres humanos e nos faz sentir que viemos a terra com o propósito de fazer diferença, cultuar o belo, respeitar a história e apurar a raça. O grande problema, porém, quando passamos a fotografar tudo isso, é que nos encontramos frente a frente com nossas contradições.

Ficamos extasiados pela coragem e visão dos nossos antepassados que nos deixaram um legado de tanta beleza e grandiosidade, mas não paramos para analisar como e em que condições tudo isso foi feito. Admiramos sem questionamento, como se o fato de ser grande e belo já contivesse o perdão irrestrito dentro dele.

Quase tudo que existe no velho mundo para ser admirado, e no velhíssimo também se incluímos a Grécia, Egito, etc., foi criado, construído ou preservado pelas mesmas personalidades que a história se encarregou de condenar, criticar e colocar no lado escuro do gênero humano. Admiramos a obra e condenamos o autor, sem que se faça nenhuma ilação entre causa e efeito. Mussolini, Franco, Napoleão, Ceaucescu, Hitler, Franco, podemos percorrer a lista inteira e vamos perceber que foram eles mesmos que deixaram para nós tudo isso que admiramos hoje.

Essa impressão quando retornamos da Romênia é ainda mais marcante, pois tudo que nos deixa maravilhados na capital Bucarest foi obra de um ser desprezível e amaldiçoado, um ditador implacável que resolveu deixar um legado de grandeza e estética sem se preocupar com o sofrimento de seu povo. Historicamente marcante e politicamente condenável. Esteticamente admirável e socialmente inexplicável.

Na verdade, isso não é muito diferente desde que o mundo é mundo. Das pirâmides do Egito, passando pelo Coliseo romano até a gigantesca e indescritível obra do Parlamento Romeno com suas seis mil salas, tudo foi obra para posteridade sem a preocupação com a geração de então. Se hoje temos o que admirar e nos sentir grandiosos, foi graças à visão grandiosa de homens que pensaram no futuro sem se preocupar com o presente. E, os que fizeram o contrário, talvez tenham contribuído mais para o bem estar de seu povo, mas não deixaram nada para a admiração de seus pósteros. E hoje descansam em paz na poeira indefinível da história.

Se tudo isso nos faz pensar nessa enorme incoerência de nosso julgamento, por outro, deixa claro que administrar é algo que ainda não encontrou um senso de missão definitivo. Não sabemos se estamos aqui para resolver problemas presentes ou preparar o futuro das próximas gerações; se devemos sacrificar a vida de nossos contemporâneos para o gáudio e admiração dos que virão ou simplesmente preocupar-nos com o hoje e agora sem deixar nada que nos garanta um lugar na história.

Quando vejo os cidadãos de Bucareste demonstrando todo o orgulho ao exhibir aos visitantes como eu suas obras e monumentos impressionantes, e meia hora depois despejar todo seu fel sobre o ditador que condenaram e executaram - fica claro que o gênero humano é complexo nas suas contradições e sentimentos, o que o torna ainda mais fascinante perante nossos olhos e nossa alma. E o que só aumenta nosso desejo de ir e vir.

Olhando para o nosso país e o nosso mercado as contradições também não são menores. Sem entrar no mérito do juízo de valor, e analisando somente a esquizofrenia aparente, salta aos olhos a dicotomia reinante entre autor e obra, entre “o que foi feito” e o “quem fez”, como se em nosso julgamento não houvesse uma relação de causa e efeito entre os dois.

Um bom exemplo disso são os enormes artigos e reportagens repletos de efusiva celebração sobre o avanço da medicina com ênfase nos milagrosos remédios que revolucionaram nossa qualidade de vida e, por outro lado, às vezes no mesmo veículo de comunicação, o incrível saco de pancadas em que se transformaram os laboratórios, verdadeiros heróis e principais responsáveis pela pesquisa de ponta e evolução da medicina.

No campo dos esportes, outra demonstração de separação entre obra e autor. Somos tetra-campeões, temos o melhor futebol do mundo, clubes que possuem marcas centenárias, e passamos nossa vida criticando os cartolas, como se não fossem eles os verdadeiros responsáveis pelo alcance e dimensão que o país alcançou no ramo futebolístico.

Somos assim com tudo. Criticamos a Rede Globo e garantimos a ela seu reinado absoluto de audiência. Ridicularizamos os americanos e passamos a vida consumindo sua música, seus filmes e seus costumes, loucos para visitar a Disney World e pedir um *delivery* de *fast food*.

Esses são apenas alguns exemplos dessa separação mental que fazemos entre ação e reação, entre continente e conteúdo, entre emoção e razão. Só assim para explicar a crítica crescente que fazemos a um governo sem que isso macule a imagem do seu principal governante. Como se não houvesse uma relação biunívoca entre os dois. Por outro lado, aos que merecem nossa condenação, nada que eles façam ou venham a fazer alterará essa imagem deteriorada e crítica. Apenas isso explica o usufruto confortável de obras que criticamos em verso e prosa, e nos permite aprovar um presidente e reprovar seu avião.

Douglas B. Holt, emérito professor da Harvard Business School, define a função de uma marca líder e inovadora como aquela capaz de mirar contradições nacionais e liderar movimentos iconográficos que dêem à população um sentido de vida e de consumo. Se isso é verdade, há muitas opções e possibilidades aqui mesmo em nosso quintal. Somos cada vez mais uma sociedade multifacetada, essencialmente crítica e dialética, sem aparente lógica formal na criação de mitos e valores. Um universo muito rico, um campo fértil para o posicionamento de marcas, e transmutação de valores sociais, morais e principalmente mercadológicos.

Marcas, assim como os aviões, estão num constante movimento de ir e vir. Nascer e desaparecem cada vez mais freneticamente. Crescem e minguam no eterno movimento pendular das preferências. Só a incoerência humana pode explicar os fracassos, e só ela pode permitir tantas oportunidades para aqueles que entendem essas contradições e sabem atuar nesse universo que nos atrai e repulsa simultaneamente.